



O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO DE PESQUISA: OS CONCEITOS DE LUGAR E TERRITÓRIO NA ANÁLISE DO COTIDIANO ESCOLAR

Jéssica Danielle Ferreira do Amaral¹
jessicaferreiramaral@gmail.com

Resumo

Na atualidade, entende-se a realidade escolar como fonte de diversos temas propícios para a pesquisa acadêmica. Este trabalho buscou compreender a relação do aluno com a escola por meio dos conceitos geográficos de lugar e território embasados no método fenomenológico. O objetivo fora esmiuçar esta relação, considerando o sentimento de pertencimento ou exclusão do discente, e a influência de ambas as partes no processo de ensino-aprendizagem. Partindo do pressuposto de que a escola não está isolada da sociedade e que diversos fatores sociais interferem no cotidiano escolar, faz-se necessário interpretar a comunidade em que está inserida para que se possa aprofundar a análise deste corpus. A escola analisada se localiza na periferia da cidade de Alfenas - MG e apresenta um alto índice de vulnerabilidade social. Por meio da experiência no período de realização do estágio supervisionado, identificou-se uma tensão nas relações dos agentes envolvidos no espaço escolar, destacando-se, neste processo, o sentimento de não pertencimento dos alunos ao lugar-escola.

Palavras-chave: formação docente; conceitos de geografia; cotidiano escolar.

Introdução

A escola na atualidade é um espaço que pode ser entendido de diversas formas, valendo-se de variadas concepções. Aqui, propõe-se uma análise pautada no conceito geográfico de lugar e território, utilizando-se da fenomenologia com a teoria crítica. A análise em questão procura relacionar o sentimento de pertencimento do aluno à escola onde está inserido, e investigar de que forma essas relações podem influenciar no comportamento e na afetividade dos alunos com a escola, além de como isso se reflete no processo ensino-aprendizagem.

Muitos pesquisadores afirmam que há, na atualidade, uma crise da educação e da escola, mas a análise de ambos é muito complexa e envolvem fatores econômicos, políticos, sociais, emocionais, familiares e que, entre outros, formam um grande grupo passível de muitas variações. Para a análise pretendida, opta-se pela ênfase na relação do aluno com a escola. A opção por este ponto surgiu por meio das vivências na escola no período de realização do estágio supervisionado, quando ficou perceptivo uma tensão entre

¹Graduanda no curso de Geografia Licenciatura pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Orientação: Professora Doutora Sandra de Castro de Azevedo.



as relações dos agentes envolvidos no espaço escolar – o que incluía os professores, alunos, gestores e demais servidores.

Com objetivo de entender como é construída essa tensão nas relações, optou-se pela análise por meio dos conceitos de *lugar* e *território*. A importância da pesquisa está na tentativa de demonstrar as tensões que permeiam a realidade da instituição e o nível de envolvimento dos discentes nestas relações.

A reação dos alunos a este modelo de escola evidenciou um sentimento de negação, apatia e desinteresse, constatada nos relatos dos professores entrevistados, que revelaram que, ainda que frequentes, os alunos não se mostram pertencentes àquele lugar, ou pelo menos não se relacionam bem com alguns agentes deste espaço, se recusando a uma possível aproximação. Os alunos compreendem a escola não só como um local de produção do conhecimento, mas como abrigo, atenção, alimentação e um ambiente de cuidados sociais que, por vezes, não são encontrados fora dali. Para os professores, a função social da escola não é clara, e existe uma imensa dificuldade em trabalhar com os conteúdos do currículo nacional. Para os outros agentes da comunidade escolar, é ainda mais difícil enxergar a função social da escola, e daí se conclui a importância de conhecer mais profundamente as políticas públicas e os currículos que direcionam a educação.

O desinteresse e o sentimento de não pertencimento do lugar perpassam pelos alunos, professores e os demais agentes escolares, mostrando que as políticas neoliberais para a educação rompem com a construção de pertencimento do lugar-escola e colocam a educação, mais uma vez, em um território de disputas.

Metodologia

A observação foi realizada durante o período de estágio supervisionado I e II, no ano de 2017, totalizando 120 horas (144 aulas) no período matutino, acompanhando alunos do Ensino Fundamental e dos 1º e 2º do Ensino Médio. Relaciona-se essa observação às teorias trabalhadas nas disciplinas do curso de Geografia.

Despertou-se, desta experiência, o interesse em entender as relações que ocorrem na escola, espaço que será o local de trabalho de egressos dos cursos de licenciaturas. É importante ressaltar que a presença no local fora fundamental, pois, conforme Silva (2013, p. 414), ninguém revela melhor ao investigador/a e ao professor/a sobre as dificuldades dos



investigados/as e alunos/as do que os/as próprios/as.

Para embasar o processo de observação e para ampliar a discussão teórica, realizou-se um levantamento bibliográfico envolvendo os conceitos de lugar e território, incluindo teses, dissertações e artigos também sobre a relação aluno/escola e as políticas públicas, com o objetivo de contribuir para um pensamento devidamente fundamentado sobre as questões e objetivos postos na pesquisa.

Trata-se de uma pesquisa de cunho qualitativo (compreensão, observação dos comportamentos, relações do aluno com a escola) e, para tanto, buscou-se dados para além da observação. Os alunos foram submetidos a um questionário, composto por onze perguntas abertas, também direcionados aos professores discentes e funcionários da escola.

A escola onde foi realizada a pesquisa fica em uma região periférica do município de Alfenas no Estado de Minas Gerais, onde encontra-se muitos casos de vulnerabilidade social. A instituição foi fundada em 13 de fevereiro de 1986 e atende às comunidades subjacentes. Atualmente, oferece todos os anos do Ensino Fundamental II, do Ensino Médio e também Educação para Jovens e Adultos (EJA). As turmas são compostas por uma média de trinta e cinco alunos, sendo em sua maioria jovens de classe econômica baixa – considerando que a escola atende aos bairros vizinhos, e todos possuem o mesmo perfil socioeconômico do que o que a escola está –, e devido a isso é comum haver situações como o alto índice de violência, tráfico e uso de drogas. Esses fatores acabam influenciando na vivência do jovem que mora nesse ambiente e, devido a isso, a escola é considerado um dos principais locais de criação de relações afetivas e sociais. Todas essas características acabam interferindo na dinâmica da instituição (PPP, 2016, p.2).

A história da escola possui grande importância para os cidadãos dos bairros adjacentes, pois são fundamentais para a construção das relações de pertencimento dos alunos. É o lugar onde estudaram seus pais, seus irmãos e amigos. Por certo, essa escola poderia ser um dos locais mais significativos para os alunos, pois é nela que muitos alunos e alunas buscam soluções para suas dificuldades familiares, socioeconômicas, afetivas, de conhecimento, identidades e tantas outras questões que se apresentam no seu cotidiano escolar.

Análise das relações escolares por meio dos conceitos de ‘lugar’ e ‘território’

A relação do aluno com a escola é sujeita a vários desafios. Para a Geografia, o



conceito de *lugar* remete à relação afetiva entre o homem e o espaço geográfico, quais são as relações socioespaciais que acontecem nesta porção do espaço geográfico que possibilita o desenvolvimento de um elo entre sujeito e espaço, formando assim o lugar.

Para Tuan (1983), o *lugar* pode ser definido de diversas maneiras. Dentre elas, o autor define que:

[...] lugar é qualquer objeto estável que capta nossa atenção. As relações que temos com os lugares podem se tornar íntimas: Os lugares íntimos são lugares onde encontramos carinho, onde nossas necessidades fundamentais são consideradas e merecem atenção sem espalhafato (TUAN, 1983, p.168).

O lugar pode ser considerado em várias escalas que as conformam, o lugar acomoda, além das escalas, os símbolos, enigmas e a concepção do existir, e é condutor de anseios de pertencimento, reconhecimento e de autonomia. O lugar é, então, uma determinada manifestação da tecnicidade exigida pela sobrevivência, de um ativismo da reprodução e de uma resistência e do diverso (Ribeiro, 2004, p. 40).

A escola pode ser este lugar onde o aluno pode se apropriar e desenvolver relações afetivas, pois a escola é o principal lugar em que passa os anos de sua vida, se tornando um elemento essencial na história de vida das pessoas, e deixando marcas positivas ou negativas.

Além do conceito de lugar, o conceito de *território* – retirado também do método fenomenológico – permite estudar a identidade com o lugar, a identidade coletiva, a relação do homem com o território, o entendimento desse território por um viés subjetivo. Conforme Haesbaert (2009),

Por outro lado, também valorizando essa ligação “natural” com a terra, temos uma outra variante dessa interpretação naturalista do território, envolvendo o campo dos sentidos e da sensibilidade humana[...] Aqui, o território seria um imperativo, não tanto para a sobrevivência física dos indivíduos, mas sobretudo para o “equilíbrio” e a harmonia homem-natureza, onde cada grupo social estaria profundamente enraizado a um “lugar” ou a uma paisagem, com a qual particularmente se identifica (HAESBAERT, 2009, p.118).

As questões econômicas, políticas e culturais, estão ligadas entre si, e são importantes para entendermos a relação de poder no território. A relação das questões sociais com a natureza exterior ao homem produz diversas interações. Os territórios e as



territorialidades são multiformes e, segundo Saquet (2015, p.170), tanto as forças materiais como as ideárias são materiais, produzindo descontinuidades, tempos e territórios.

O território é ferramenta de compreensão e leitura das diversas dinâmicas existentes no lugar e no espaço. O espaço vivido, as experiências – onde o mundo se constitui da compreensão das mesmas – e o vínculo do indivíduo com o lugar desenvolve diferentes formas de relacionamentos e comportamentos que são expressos numa escola inserida num território de vulnerabilidade. Pensando no processo de valorização do lugar-escola, podemos nos ater às desigualdades que estão expressas na escola, provocando isolamento e marginalização de alguns alunos.

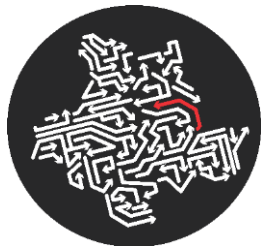
O processo de marginalização ou sentimento de exclusão desenvolvido pelo aluno, ou até mesmo as falas dos professores a respeito de um aluno “problemático”, podem causar interferências negativas no sentimento de pertencimento, envolvimento e percepções desse lugar. Assim como disserta Saviani (1999):

Marginalizados são os “anormais”, isto é simplesmente, uma diferença. Portanto, podemos concluir, ainda que isto soe paradoxal, que a anormalidade é um fenômeno normal. Não é, pois, suficiente para caracterizar a marginalidade. Esta está marcada pela desadaptação ou desajustamento, fenômenos associados ao sentimento de rejeição (SAVIANI, 1999, p.16).

A escola-lugar permite que o aluno desenvolva relações a nível social, público e coletivo, onde podem participar da construção da escola como espaço em todos esses níveis. Girotto (2011, p.79) afirma que “negar o lugar em suas particularidades e contradições pode ser entendido também como estratégia política de reprodução do status quo [...] nesse sentido, a escola se torna uma mera repetição [...]”, endossando a importância de um comportamento profissional e inclusivo do professor como um agente emancipador.

Sendo a escola um lugar de relações, é também um lugar que passa por crises e reformas constantes. Na contemporaneidade a educação é relacionada a um discurso de crise, se atendo às questões: A educação cumpre o papel de formar cidadãos críticos? Os professores possuem uma boa formação? Qual é o papel da escola nas questões de vulnerabilidade social dos seus alunos? Qual é a função social da escola? Como essa criança e adolescente se sente no ambiente escolar?

Pode-se considerar a crise na educação como um momento para reflexão sobre o significado da escola e da educação. Assim, conforme Duarte (2010, p. 286), é preciso



compreender a crise sem precedentes da educação mundial, situando o contexto da crise política no mundo moderno.

A formulação das políticas para a educação possui contextos de influência, produção e prática e cada um deles envolve disputas e embates políticos, pois, assim como diz Mainardes (2006, p. 53) “os professores e demais profissionais exercem um papel ativo no processo de interpretação e reinterpretação das políticas educacionais”. No contexto da prática, os profissionais atuam diretamente no cotidiano escolar.

Além das políticas públicas para a educação, o domínio do currículo é poder, e o campo do currículo configura-se como um território de disputas. Sendo assim, os setores empresariais e as indústrias procuram instituir uma base comum curricular com o interesse no neotecnicismo da sociedade civil. Com um discurso sobre a “qualidade” da educação, as empresas e as indústrias constroem uma ideologia que procura difundir as hegemonias de parâmetros neoliberais globalizantes, mercadológicos e comuns, mesmo com a autonomia estabelecida na legislação dos estabelecimentos de ensino e da comunidade educadora.

Quando se trata da relação aluno/escola nos deparamos com a seguinte questão: Qual a função social da escola? Partindo de questões como essas é importante que a interação entre ambos possa diminuir o sentimento de isolamento e a marginalização. “Nessa perspectiva, a função da escola se configura por encaminhar as escolhas [...] do aluno permitindo que ele perceba a si, os professores e a escola em seus limites e possibilidades de fazer sentido quanto às expectativas de futuro (CASTRO, 2015, p.157).

A escola não está isolada da sociedade, e sozinha não conseguirá realizar a transformação dela, pois reflete o que é a realidade social. Apesar de compreender a importância da família na análise da escola, sabe-se que é necessário um aprofundamento nas relações familiares para observar as influências nos comportamentos dos alunos, e este é um ponto que dificilmente, em tão pouco tempo de pesquisa, se analisa de forma profunda.

O aluno e sua relação com o lugar-escola

É possível compreender de forma esclarecida a relação do aluno com a escola quando se observa o cotidiano escolar. Não se trata somente de uma relação material, é preciso considerar a escola como lugar que vai além da procura do conhecimento, relacionando e demonstrando questões do sentimento de pertencimento. O aluno considera



a escola como um lugar de refúgio? Para alguns agentes escolares, a função da escola inexistente, e ela não deve ser um lugar de refúgio, o que ocasiona muitas vezes respostas negativas das relações do aluno com o lugar-escola e os seus processos de ensino-aprendizagem. Sobre a pergunta “Qual a função social da escola?”, seguem algumas respostas de servidores da instituição:

Estagiária: Qual é a função social da escola?

Supervisora: A escola não tem função social, ela “tá” aí pra inserir o aluno no mundo. A função social deveria ser econômica, a parte psicológica. Isso seria assistência social. A escola ajuda a direcionar o aluno.

Vice-diretor: A função da escola é educar. O pessoal confunde, mas a educação também vem de casa. Às vezes, o professor tem que ser educador, assistente social, psicólogo. Às vezes não tem relação com escola. A escola não deveria exercer essa função social. A escola não faz essa função social de assistência social e psicológica.

Professor de Matemática: Atualmente ela presta um desserviço a sociedade, uma escola é uma pequena sociedade, mas a relação social aqui é negativa porque é superficial. A pessoa não vem apenas aqui em busca de conhecimento, porque o que fica mais evidente são as necessidades básicas (03 de setembro de 2017).

Nas falas da supervisora, do vice-diretor e do professor de Matemática, observa-se uma confusão sobre o que seria a função social da escola. Para esses agentes escolares, a função social seria algo que transcende aquilo que a escola deve fazer – “ser um lugar que somente se ensina”. Em contrapartida, nessa mesma questão, o professor de Matemática responde que a “escola é uma pequena sociedade”, ou seja, o professor deixa claro que as adversidades exteriores também ocorrem dentro da instituição.

Ao analisar essas falas, percebe-se a necessidade do olhar atento do pesquisador e do leitor, para não culpabilizar esses profissionais, pois em suas análises minuciosas e no convívio cotidiano é que se (re)descobre as relações do lugar – no caso dessa pesquisa, do aluno com a escola.

Essas respostas nos trazem as seguintes reflexões: sim, o aluno vai para a escola em busca de outras questões como afeto, “a parte psicológica”, pois a “escola ajuda a direcionar o aluno”. Ao professor, estão destinadas as funções de um educador com sensibilidade para com as necessidades dos alunos, mas a afirmação nas falas continua a dizer que “a escola não faz essa função de assistência social e psicológica”. O professor de Matemática ainda continua afirmando que “a relação aqui é superficial, a pessoa não vem aqui em busca de conhecimento”, o que evidencia a construção dos sentimentos de negatividade dos alunos que respondem ao cotidiano em forma de “falta de interesse” e os



diversos problemas com a escola, pois não se sentem pertencentes a esse lugar.

Servidora: Receber o aluno. A escola é boa, meus filhos estudaram aqui, O governo abandonou a escola. O bairro é bom, eu trabalho aqui na cozinha sempre no limite, e improviso, e tenho uma relação tranquila com todo mundo aqui (03 de setembro de 2017).

Abre-se um questionamento: o “governo abandonou a escola” ou a educação não é prioridade? Para esse abandono e falta de prioridade que mantém a escola em sua forma e os seus agentes escolares confusos sobre sua função social, as respostas a esse cotidiano se mostram nas relações de não pertencimento dos alunos. A maioria das respostas se encontram no cotidiano escolar, nas relações estabelecidas, nas boas e más notas, em uma dinâmica que se espacializa, se territorializa e que constroem diversas relações. No caso dessa escola, estas relações se dão através da distância e do não pertencimento dos educandos.

A situação da escola se mostra conflituosa. Os professores e os funcionários apresentam, em seus discursos, distanciamentos e confusões sobre o que deveria ser a escola e qual o seu papel em relação aos alunos, e isso é um fato preocupante. Analisando as entrevistas, é possível observar que, na visão dos agentes escolares, a escola não deve interferir na vida dos alunos fora da instituição, pois esse não é o papel destinado aos profissionais desse local. Contudo, a relação entre escola e aluno vai muito além do conteúdo, já que é criado por parte desses estudantes um sentimento de se apropriar do lugar e uma relação afetiva. Logo, esses jovens esperam que haja sempre um posicionamento desses profissionais que estão presentes em seu cotidiano, dividindo experiências e conquistas, mas estas expectativas não são supridas por parte da maioria dos agentes escolares, pois os mesmos também não se sentem pertencentes a esse lugar-escola, e por isso se distanciam sempre que comparam escolas, observamos descaso do governo com a educação, o não pagamento regular dos salários, falta de merenda e apontam outros ofícios como melhores.

A conclusão obtida, principalmente pelos professores, é a de que, devido a realidade em que esses alunos estão inseridos, por tratar-se de um bairro com diversos problemas relacionados à violência e às drogas, a instituição e os agentes escolares encontram dificuldades para interferir, pois quando o Estado impõe uma política que valorize principalmente números e resultados, a escola passa a ser vista como uma mercadoria. As



repostas no cotidiano do lugar-escola serão sempre estabelecidas.

Professora de Geografia: Formar cidadãos críticos, mas não são formados como deveriam ser. Na minha opinião, hoje em dia é formar cidadãos. O governo quer formar pessoas alienadas, ele (o governo) quer formar pessoas cômodas (03 de setembro de 2017).

Todos os problemas existentes nesse cotidiano escolar, enfrentados pelos alunos, são tratados superficialmente, o que acaba piorando as experiências adquiridas dentro da escola. Quando se trata das questões relacionadas as políticas públicas para a educação e os currículos, as respostas revelam discursos desesperançosos.

Estagiária: O que você pensa da educação brasileira hoje?

Professora de Geografia: Ela está ultrapassada, defasada, banalizada, não está valorizada. Um país só melhora quando se investe em educação, enquanto não investir em educação e não formar pessoas para desenvolver suas funções, quem forma vai pro serviço braçal. A educação brasileira hoje “tá” querendo regredir e tá faltando embasamento (03 de setembro de 2017).

Qual é a relação com o sentimento de pertencimento ou exclusão do aluno com a escola? Por que alguns alunos são violentos e oscilam tanto no ambiente escolar? Faz-se necessário mais políticas públicas, comum a concepção mais humana para as escolas, e não mais cortes nos investimentos na área da educação. É necessário atenção e valorização de cada agente na comunidade escolar e o acompanhamento da família, para compreender as esferas de relações do aluno com a escola e com a comunidade escolar, nesse lugar e território do saber. Ou seja, os problemas escolares não se resolvem somente pela escola.

Considerações finais

O estágio supervisionado é uma importante ferramenta na formação inicial à docência, pois possibilita a compreensão do cotidiano escolar e resulta no desenvolvimento de processos reflexivos da prática docente. O primeiro contato com a escola permite conhecer seus agentes, romper preconceitos e análises genéricas preestabelecidas sobre a escola. O estágio se torna então, uma ferramenta para além da profissionalização, mas um repensar sobre a escola, da relação entre teoria e prática, além de ser uma possibilidade de pesquisa.

Tendo essas ferramentas de análises, e a hipótese posta, foi possível identificar a relação do aluno com a escola através dos conceitos de lugar e território. Para o lugar, tem-



se a iniciativa de se formular um segundo conceito o “lugar-escola”, para as questões específicas para esta pesquisa, para mostrar a relação de pertencimento e de não pertencimento.

Dentro da escola existe um território de conflitos, envolvendo o Estado, suas políticas públicas (ou a ausência delas), os alunos com o sentimento de não pertencimento ao lugar-escola e os professores que ficam imersos nestes conflitos, lutando para exercer sua função.

Os princípios neoliberais buscam controlar a educação pública, transformando-a em mercadoria, reforçando o sentimento de não-lugar dos alunos. Há necessidade de se pensar políticas públicas que atendam os interesses dos alunos e dos profissionais da educação, buscando uma escola acolhedora e que desenvolva o cognitivo dos alunos.

Referências Bibliográficas

- CASTRO, Paula. **Torna-se aluno: identidade: perspectivas etnográficas.**[Livro eletrônico]./ Paula Almeida de Castro. Campina Grande:EDUEPB, 2015.3000KB.272.:il. p. 39-56. (Coleção Pensamento Radical). *Print version* ISSN 0103-863X. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100004>> Acesso em: 15 junho 2018.
- CÉSAR, Maria Rita de Assis; DUARTE, André. Hannah Arendt: pensar a crise da educação no mundo contemporâneo. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n.3, p. 823-837, set./dez. 2010.
- SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e Concepções de Território.** 4.ed. São Paulo: Outras Expressões, 2015, p.178.
- GIROTTO, Eduardo Donizeti. Escola, lugar de poder: uma análise geográfica a partir de São Caetano do Sul, SP, Brasil. **GEOUSP-Espaço e Tempo**, São Paulo, Nº 30, pp. 77 - 89, 2011.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política!** Dermeval Saviani.- 32. ed.- Campinas, SP: Autores Associados, 1999. - (Coleção polêmicas do nosso tempo; v.S).
- HAESBAERT, Rogério. **Territórios alternativos** / Rogério Haesbaert - 2. ed., 1ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2009.
- SILVA, Marcos Antonio da. **A técnica da observação nas ciências humanas.** Educativa (Goiânia. Online), v. 16, p. 413-423, 2013.
- MAINARDES, J. Abordagem do ciclo de políticas: uma contribuição para a análise de políticas educacionais. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol.27, n. 94, p.47-69, jan/ abr.2006.
- TUAN, Yi-Fu. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.
- MINAS GERAIS. **PPP (Projeto Político Pedagógico) da Escola Estadual Dr. Napoleão Salles.** 2016, p. 1-58.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Lugares dos saberes: diálogos abertos.** Milton Santos e o Brasil/ Maria Brandão (organizadora) - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004,